

De Giselda Medeiros

A TRAVESSIA

Não sei onde deixei meu barco...
Na linha do horizonte, há teias que me confundem.
E há fuligem e pátina no cais onde me encontro.
Miro o oceano. Azul... Esmeralda...
Confundem-se em mim mar e firmamento,
dor e alegria, melancolia e excitação,
vontade de partir, desejos de ficar...
Mas, ir para onde?
Ficar, para quê?

O vento tange uma ária de Bach...
e, dispersas pelo espaço azul,
as nuvens dançam seu balé aéreo.
O passado distingue Isolda, O Lago dos Cisnes...
Principio a esvoaçar com as etéreas bailarinas,
tão brancas e tão leves,
tão únicas e múltiplas... sem começo, meio e fim.
Ah... Saudade dos sonhos
enfiados nas sapatilhas róseas!
Saudade do brilho das finas saias,
rodopiando, rodopiando...
E a bailarina, então, se alçava,
quase levitando, livre, lépida, linda!...

O vento me sacode... A Realidade. A Travessia!
Ao longe, um barco sobre espumas flutuantes...
De repente, nem rastro nem espuma...
Só a Travessia...

De Giselda Medeiros

INDECIFRÁVEL

Não sei se a vida está neste corpo
ou se no rio que carrego sobre os ombros.
O que sei de mim é esta solidão de náufragos
em desespero.

Sei que morrer é como ir além
do intransponível,
num intermínio partir de barcos,
quando as auroras se vão com seu véu
de orvalhos.

Mas sei que sou o leito do rio que carrego.
E é preciso estar sempre em cheia de amor
para que nessas águas possam mirar-se
os olhos das estrelas.
E tudo será vida.